

**IBÉRICOS, NATIVOS E O TROPICAL EM O URAGUAI:  
Literatura arcádica e identidade na América de colonização ibérica.**

Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira – PPG-UFJF

Escrito em 1769 por Basílio da Gama, o poema *O Uruguai*,<sup>1</sup> meu objeto de estudo, constitui uma das mais interessantes fontes de referência para os estudiosos do Brasil dos setecentos. Sempre atento e detalhista, seu autor nos oferta uma valiosa variedade de informações acerca do modo de lutar, viver e pensar de, daqueles que viviam em áreas fronteiriças entre a colônia portuguesa e espanhola.

Para escrever sua obra, Basílio da Gama se inspira nos combates desenrolados em meados do século XVIII entre missões jesuíticas e tropas de Portugal e Espanha, e baseia-se em instruções e diálogos de governantes e encarregados, locais e da metrópole, envolvidos nas contendas. Cria, então, um personagem fictício, o índio Cacambo, para dele contar os últimos dias de vida, suas experiências, seus contatos com figuras que, ao que tudo indica, de fato existiram; são eles: o padre da Companhia de Jesus Lourenço Balda; o guerreiro nativo Sepé; o comandante lusitano Gomes Freire de Andrada; e o general espanhol José Inácio de Almeida.

É sabido que o problema de delimitação de fronteiras na América inspirava recorrentes disputas e acordos diversos entre as nações ibéricas. Para evitar conflitos, a solução que pareceu mais sensata aos diplomatas de Portugal e Espanha foi, pois, em 1750, a assinatura do Tratado de Madri (conhecido também como “Tratado da Permuta”): enquanto a Colônia do Sacramento passava à administração hispânica, os Sete Povos das Missões, próximos ao rio Uruguai, passavam a pertencer à Coroa lusitana. Na prática, porém, o trato não podia ser efetuado de maneira simples. É que os padres jesuítas – enviados pela Espanha há tempos para na dita localidade viver ao lado de centenas de índios guaranis – receberam a repentina determinação de se transferirem para o lado oposto da nova fronteira; julgando a instrução injusta, ilegítima, absurda, negaram-se a aceita-la. Encarregados do governo do Grão-Pará,

entretanto, no ano de 1752, ameaçaram tomar armas e efetuar a expulsão de forma violenta, fazendo com que missionários e índios se organizassem e solicitaram um prazo para se afastar do domínio português. Como, findos alguns meses, a promessa não havia sido cumprida, seguindo determinações rígidas de fazer valer o pacto, juntaram-se as tropas dos já referidos generais Andrade e Almeida, num momento, inclusive, referido n’*O Uruguai*:

Quando pelos seus guardas conduzido  
Um índio, com insígnias de correio,  
Com cerimônia estranha lhe apresenta  
Humildes cartas, que primeiro toca  
Levemente na boca e na cabeça.  
Conhece a fiel mão e já descansa  
O ilustre General, que viu, rasgando,  
Que na cera encarnada impressa vinha  
A águia real do generoso Almeida.  
Diz-lhe que está vizinho e traz consigo,  
Prontos para o caminho e para a guerra,  
Os fogosos cavalos e robustos  
E tardos bois que hão de sofrer o jugo  
No pesado exercício das carretas.  
Não mais tem que esperar, e sem demora  
Responde ao castelhano que partia,  
E lhe determinou lugar e tempo  
Para unir os socorros ao seu campo.<sup>ii</sup>

Entretanto, o texto de *O Uruguai* costuma ser ponto de partida para a análise de aspectos outros, que aqui não podem ser ignorados: é também fonte bastante referida entre pesquisadores atentos a questões literárias, os quais, inserindo a referida obra no panorama da Literatura Arcádica, realizam trabalhos que buscam aproximações e disparidades com tal paradigma artístico.

Uma das propostas mais respeitadas acerca da produção intelectual setecentista na América portuguesa é a do renomado crítico literário Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira*. Conforme ela, uma “Literatura” propriamente dita teria começado a tomar corpo no Brasil assim que coincidiram dois relevantes fatores, um interno e outro externo: (a) o desenvolvimento de núcleos urbanos locais, na América, e (b) a chegada do estilo arcádico a portos lusitanos.<sup>iii</sup>

Antes de uma maior urbanização não teria sido possível, segundo Candido, existir na colônia portuguesa nem um corpo de escritores articulados, nem um mercado consumidor de livros satisfatório, daí prevalecer, em toda a história colonial brasileira, o que o autor chama “manifestações literárias”. Apenas quando a descoberta de minérios no Sudeste repercutiu em concentração demográfica e econômica nas cidades, em crescimento do comércio interprovincial, e na formação de uma massa mais consistente de profissionais liberais americanos, portanto, é que um grupo coeso de pensadores (em geral mineiros de nascença), pautados numa mesma idéia do que viria a ser “tradição”, e compartilhando a dada mesma conjuntura, passaria a vislumbrar projetos de criação esquematicamente comuns; isto é: faria surgir um “sistema literário”.<sup>iv</sup>

Quanto ao Arcadismo, disserta também Sérgio Buarque de Holanda em *Capítulos de Literatura colonial*:

O espírito da Arcádia, que se irradiou de Roma sobre a Itália inteira e, fora da Itália, sobre os países ibéricos, representou (...) o primeiro veículo por onde a sobriedade e o equilíbrio do Classicismo francês, já aclimado de certo modo e reelaborado, em terras do sul, pôde melhor infiltrar-se entre povos que pareciam ainda menos preparados do que os italianos para recebê-los.<sup>v</sup>

Dentre os ibéricos, contudo, conforme Holanda, os portugueses eram aqueles que pareciam mais afoitos em beber da fonte arcádica. É que naquele momento histórico específico a referência à Arcádia romana parecia cair como uma luva a pensadores que, comemorando o fim da união das Coroas e atribuindo as causas do atraso de seu país ao governo dos Filipes, agora se opunham ferrenhamente tanto aos excessos do gongorismo barroco, quanto à influência da literatura espanhola.

Nascido nas Minas Gerais em 1741, Basílio da Gama veio a conhecer a Europa quando já contava 23 anos, para cursar a faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Sendo, então, ainda padre jesuíta de formação e de vontade, como tantos de seus companheiros de ordem mostrou-se interessado pelo universo acadêmico em Portugal, na época marcado por intensos debates em prol da modernização tanto das estruturas administrativas, quanto das

formas de pensamento. Por se sentir, enfim, identificado àquele estilo literário que agora tanto mobilizava os portugueses, decidiu conhecer a Arcádia romana, sendo nela admitido em 1763, com o pseudônimo “Termino Sipílio”. Mais tarde, pouco antes de escrever *O Uruguai*, Basílio virá a abandonar a Companhia e aproximar-se do inimigo primeiro deste, o marquês de Pombal, fato que por fim não lhe impediu de fazer transparecer claramente ao longo de todo o poema sua admiração pelos autores italianos, cultivada desde sua juventude jesuítica, e evidente na citação abaixo:

Serás lido, Uruguai. Cubra os meus olhos  
Embora um dia a escura noite eterna.  
Tu vive e goza a luz serena e pura.  
Vai aos bosques de Arcádia: e não receies  
Chegar desconhecido àquela areia.  
Ali fresco entre as sombrias murtas  
Urna triste a Mireo não todo encerra.  
Leva de estranho céu, sobre ela espalha  
Co'a peregrina mão bárbaras flores.  
E busca o sucessor, que te encaminhe  
Ao teu lugar, que há muito te espera.<sup>vi</sup>

Porém, é preciso destacar: a importância de *O Uruguai* extrapola os limites permitidos por uma conceituação de “fonte histórica” mais convencional; isto é: a de fonte histórica enquanto “documento”, “prova”, “registro”. O historiador norte-americano LaCapra, aqui, fornece uma contribuição relevante; em artigo célebre publicado na década de 1980, pôs, de fato, em marcha uma discussão inegavelmente fundamental sobre a natureza dos *textos*. Afirmou, então, a existência de duas formas esquemáticas de se olhar para eles – a concepção “documentária” e a concepção “dialógica” – e as definiu da seguinte maneira: a primeira encara o texto como registro do “real”, vai até ele com o intuito de garantir informações sobre a “realidade” que se crê envolve-lo, justifica-lo, e dar a ele vida; a segunda, avalia o texto enquanto “obra”, levando em conta a capacidade de cada um de seus leitores apresentarem uma interpretação própria, criarem sobre ele, identificarem-se, comprometerem-se, inspirarem-se, mobilizarem-se...

Sendo assim, pontua LaCapra:

El ser-obra es crítico y transformador, porque desconstruye y reconstruye lo dado, en un sentido repitiéndolo pero también trayendo ao mundo, en esa variación, modificación o transformación significativa, algo que no existía antes. (...) Un diálogo implica el intento del intérprete de pensar más en profundidad lo que está en discusión en un texto o una "realidad" pasada, y en el proceso el mismo cuestionador es cuestionado por el "otro".<sup>vii</sup>

Desta feita, faz-se mister ter em mente que o referido poema, *O Uruguai*, citação constante em manuais de Literatura desde sua primeira publicação, passou pelos mais diversos tipos de abordagem, e teve a si atribuídos múltiplos significados históricos. Atualmente, por exemplo, é considerado uma das mais importantes obras literárias *brasileiras*, embora na época em que viveu Basílio da Gama o Brasil não fosse ainda uma nação independente. E será justamente tal contradição, tal problemática (a classificação teleológica comumente conferida a nosso objeto-texto) que passará, pois, daqui em diante, a constituir o interesse central deste trabalho. Interesse que surge, a meu ver, entrelaçado ao problema da identidade... interesse, que, a título de ilustração, será abordado a partir de dois motes: a definição de fronteiras e a idéia da natureza e homem tropicais.

No que diz respeito à questão das fronteiras à luz do problema da identidade nacional, há que se pensar no fato de que *O Uruguai* toma como pano de fundo a união de forças de duas nações – Portugal e Espanha – para fazer valer um tratado de limites. O poema de Basílio da Gama apresenta o encontro como essencialmente harmônico, fato que na obra de Francisco Adolfo Varnhagen, *História geral do Brasil*, de fins do século XIX, aparecerá relativamente invertido. Em uma edição posterior da obra de Varnhagen, por outro lado, sob a responsabilidade de Rodolfo Garcia fontes primárias serão anexadas às notas de pé de página, tornando bem mais claras as indisposições entre os representantes dos países envolvidos. Um bom exemplo é o seguinte trecho da carta em que Gomes Freire discorre acerca da atuação do general espanhol Almeida, seu companheiro de empreitada:

depois de expôr hum largo discurso para colorir o desacordo da sua frouxidão, me deu a ver quanto elle vinha apartado da razão e da sinceridade, com que os nossos Soberanos nos mandam tratar; poz todo o seu estudo em capacitar-me, que o Tratado estava em estado de se cumprir da sua parte. (...) Mostrei-lhe com a verdade, quantas mil pessoas estavam ainda desta parte do Uruguay e

instei (...) dos que havião de transmigrar a outra faltavão (por se acharem dispersos) muitos mil...<sup>viii</sup>

Essas diferenças, a meu ver, não são, contudo, aleatórias. Não significam que Basílio da Gama dissimule ou forje uma identificação imprópria entre portugueses e espanhóis. A questão, creio, é que, no período em que foi escrito *O Uruguai*, ainda não seria corrente a preocupação de definir uma referência una, fundadora, para os povos que habitavam a dada região... uma referência que, no segundo império e na já república (períodos em que escreveram, respectivamente, Varnhagen e Garcia), apontaria comumente para a nação lusitana – ao menos entre os autores brasileiros.

Interessante seria, pois, esboçar possíveis perspectivas do pensador americano do século XVIII (entre os quais se inclui o autor de *O Uruguai*) acerca do problema das fronteiras. Segundo o historiador Wilson Martins, a preocupação em firmar limites entre as posses de Portugal e Espanha na América estaria sobejamente difundida entre os mais importantes ciclos intelectuais, refletindo-se, por exemplo, em 1752, na fundação da *Academia dos Seletos*, da qual veio a participar Basílio da Gama, e que se dizia destinada a homenagear o general Gomes Freire de Andrada. Partindo deste ponto de vista, Martins chega a afirmar que a importância do poema de Basílio da Gama reside no fato de que faria parte da “*história do nosso estabelecimento territorial*” e da “*fisionomia geográfica do Brasil*”,<sup>ix</sup> posição que julgo seriamente contestável, pois ignora estar o referido autor setecentista então alheio aos rumos posteriormente tomados pela história da América de colonização lusitana.

No que diz respeito às referências de *O Uruguai* à natureza americana, podemos dizer que existem inovações na maneira como Basílio da Gama as faz. Em seu poema, diferentemente do que ocorre na grande maioria de publicações contemporâneas a ele, o ambiente tropical de certo alarga o papel de mero cenário, para incorporar funções definitivas no desenrolar da história, como mostra a passagem em que o personagem Cacambo é carregado pelo rio até a borda oposta, na qual se encontravam acampados os portugueses,

seus inimigos de batalha.<sup>x</sup> A descrição da natureza em *O Uruguai* também não mais se restringe a simples traços objetivos, mas ganha densidade e encanto, o que indica aproximação com o estilo literário que predominará no século XIX, o Romantismo.<sup>xi</sup> Além do mais, é importante ressaltar o fato de que Basílio da Gama já não mais explora o tema da natureza intocada, mas, de maneira distinta, em vários momentos apresenta espaços em que construções realizadas pelo homem e por Deus se misturam, interagem, complementam.<sup>xii</sup>

A caracterização dos personagens indígenas de *O Uruguai*, contudo, se aproxima bastante do modelo hoje comumente proposto para o século XVIII como um todo, já que não chega a romper com a perspectiva pitoresca. Nela seu autor não demonstra ainda qualquer inclinação ao popular; na realidade, se por um lado Cacambo usa adornos de penas e pinta o corpo, por outro, sempre aparece em uma postura elevada, polida, excessivamente formal para um homem que vivia distante da cidade. Ao encontrar o general das tropas inimigas, por exemplo, se dirige a Gomes Freire e argumenta com seriedade e clareza, almejando evitar a guerra:

Fez, ao seu modo, *cortesia estranha*,  
E começou: Ó General famoso  
Tu tens à vista quanta gente bebe  
Do soberbo Uruguai a esquerda margem.  
Eu, desarmado e só, buscar-te venho.  
Tanto espero de ti. E *enquanto as armas*  
*Dão lugar à razão*, senhor, vejamos  
Se se pode salvar a vida e o sangue  
De tantos desgraçados.<sup>xiii</sup>

A leitura de *O Uruguai* revela também que seu autor ainda se sentia demasiadamente português para tomar consciência de que talvez um estilo de escrita alternativo, diferenciado, estivesse se impondo. Conforme demonstra Adrián Gurza Lavalle, os demais poetas da época que hoje nos servem de referência – malgrado a diversidade de estilos ou escolhas políticas que se nota entre eles – também não; revelam, outrossim, como viemos observando nas referências a Basílio da Gama, inquestionáveis senso cívico e fidelidade às expectativas da nação portuguesa, e não a preocupação de apresentar o tropical como alternativa civilizatória.<sup>xiv</sup>

Isso não quer dizer, contudo, que o texto dos poetas mineiros não apresentasse qualquer novidade em relação aos textos concebidos na metrópole. Na realidade, embora não tenha ao menos concebido sua obra-prima propriamente em terra brasileira, Basílio da Gama em geral é associado aos autores que escreveram *na América portuguesa*, pelo simples fato de ter escrito *sobre a América portuguesa*, como se a ela pertencesse. Conforme Holanda, enfim, “a carta que do Rio de Janeiro endereçou a *Metastasio*, acompanhando um exemplar d’*O Uruguai*, faz questão de frisar que a matéria do poema, que acabava de sair dos prelos da *Régia Oficina Tipográfica*, em Lisboa, era, toda ela, americana.”<sup>xv</sup> Importante lembrar: americana, e não propriamente nacional – portuguesa ou, d’outro lado, brasileira.

Considero, portanto, que uma análise historiográfica de *O Uruguai* que não leve em conta os novos debates em torno da problemática das fontes corre sério risco de construir hipóteses anacrônicas e reducionistas. De minha parte, acredito que o esboço de reflexão desenvolvido ao longo deste artigo garante pinceladas (embora superficiais) importantes, e o faz destacadamente ao apresentar a obra de Basílio da Gama como fundamental para estudiosos que se dedicam a compreender o homem setecentista sim, mas, sobretudo, o é para todos aqueles que na atualidade se interessam pelo fluxo e refluxo de significações tomadas por conceitos tais como o de “identidade americana” ou, em específico, “brasileira”.

---

<sup>i</sup> A edição a qual tive acesso ao longo da elaboração do presente texto é, contudo, é claro, mais recente. GAMA, Basílio da. **O Uruguai**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

<sup>ii</sup> Idem, p. 23-24.

<sup>iii</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 1959. São Paulo: Martins, 1959. t. 1.

<sup>iv</sup> Ibidem.

<sup>v</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. In: CANDIDO, Antonio. **Capítulos de Literatura colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 206.

<sup>vi</sup> GAMA. op. cit. p. 99.

<sup>vii</sup> LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José. **Giro lingüístico e historia intelectual**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, s/d. p. 239.

<sup>viii</sup> Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História geral do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, s/d. 5. ed. p. 169.

<sup>ix</sup> MARTINS, Wilson. **História da Inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1977. p. 364

<sup>x</sup> Cf. GAMA. op. cit. p. 60.

<sup>xi</sup> Cf. Idem, 76.

<sup>xii</sup> Cf. Idem, 77.

<sup>xiii</sup> Idem, p. 40. Grifos meus.

<sup>xiv</sup> GURZA LAVALLE, Adrián. **Vida pública e identidade nacional**; leitura brasileiras. São Paulo: Globo, 2004. p. 73.

<sup>xv</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. Gosto arcádico. In: ---. **Esboço de figura**; homenagem a Antônio Cândido. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979. p. 327-353.